
A potência invisibilizada de Efigênia do Carvalho: novas perspectivas sobre a escrita feminina através do conto “A casa negra”

*The invisible power of Efigênia do Carvalho: new
perspectives on female writing through the story “The
black house”*

Mayara Gonçalves

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Elisabeth Fernandes Martini

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2023.n49a522>

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar a obra da escritora portuguesa oitocentista Efigênia do Carvalho a partir da análise do conto “A casa negra”. Dessa forma, será possível desenvolver questionamentos sobre a originalidade de sua produção literária enquanto mulher portuguesa na sociedade do século XIX, debruçando-se sobre as estratégias narrativas, as críticas metafóricas e a caracterização dos personagens presentes na obra. Assim, resgataremos a vida e a obra de uma autora que trouxe para a literatura feminina oitocentista em Portugal novos parâmetros literários, rompendo com o modelo tradicional de escrita feminina no século XIX.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura oitocentista; Portugal; Efigênia do Carvalho.

ABSTRACT

This article aims to present the work of the 19th century Portuguese writer Efigênia do Carvalho from the analysis of the short story “The black house”. In this way, it will be possible to develop questions about the originality of her literary production as a Portuguese woman in the society of the 19th century, focusing on the narrative strategies, the metaphorical criticism and the characterization of the characters present in the work. Thus, it will be possible to rescue the life and work of an author who brings new literary parameters to 19th century female literature in Portugal, breaking with the traditional model of female writing in the 19th century.

KEYWORDS: Nineteenth-century literature; Portugal; Efigênia do Carvalho.

INTRODUÇÃO GERAL

A literatura produzida por mulheres dentro da sociedade portuguesa oitocentista era desconsiderada, visto que o cânone literário era predominantemente preenchido por homens. No entanto, o século XIX trouxe grandes inovações para Portugal em relação aos costumes e suas respectivas desconstruções. Dessa forma, torna-se necessário entender os fatores que levaram muitas senhoras portuguesas ao reconhecimento literário pelas obras escritas e publicadas em diversos tipos de suporte, assim como o seu virtual apagamento.

O papel da mulher dentro da sociedade era condicionado ao lar e aos cuidados de sua família. Desse modo, a trajetória feminina passa por grandes conquistas ao longo dos anos, sendo, então, no século XIX, a tomada gradual e sutil do espaço literário pelas senhoras escritoras, ainda que de forma seletiva e criteriosa, já que a mulher era vista como culta ao escrever suas obras, mas não para seguir uma carreira profissional.

Dessa forma, esta pesquisa possui uma abordagem descritiva com intuito exploratório. Através de uma abordagem inteiramente bibliográfica, foi possível fazer um levantamento de estudos anteriores, artigos e livros necessários para a concretização deste artigo. Vale ressaltar que o levantamento das informações contou com o acervo físico do Real Gabinete Português de Leitura – voltado para a literatura portuguesa oitocentista —, além dos levantamentos em meio digital.

Primeiramente, será contextualizada a situação da sociedade e da literatura portuguesa durante o século XIX, trazendo um panorama mais amplo para descortinar o cenário político e social, além do modo como essa conjuntura se refletia no âmbito literário. De posse dessas informações, será possível entender o início dos Oitocentos em Portugal e como o Império entra, no decorrer do século, em uma grave crise política e social.

Em seguida, será feito um recorte para explicar e contextualizar a atuação feminina na sociedade e na literatura portuguesa oitocentista, com o intuito de abranger os impactos do modelo social patriarcal e opressor contra a mulher, além de detalhar os caminhos percorridos pelas escritoras portuguesas e explicar as imposições a que elas deveriam obedecer para se firmar no meio literário. Uma vez constituído o panorama sobre a mulher na literatura, propõe-se apresentar a escritora Efigênia do Carvalhal. Através de um minucioso estudo sobre a vida e as obras da autora, será resgatado, ao menos, um pouco de sua jornada literária mediante os diferenciais de sua narrativa e as contribuições e escritos ao longo de sua vida.

Por fim, a partir da leitura de um de seus contos, intitulado “A Casa Negra”, serão analisadas as estratégias narrativas utilizadas pela autora ao longo do texto, as críticas camufladas que estão diretamente associadas ao contexto histórico da época e a utilização de elementos do insólito ficcional dentro do conto.

Dessa forma, a qualidade de sua produção literária, por sinal, leva a tecer questionamentos sobre o quão importante Efigênia do Carvalho seria para a literatura portuguesa oitocentista se fosse minimamente reconhecida como autora, visto que suas prosas de ficção, claramente, rompem com o modelo de escrita ao qual eram condicionadas as mulheres de sua época. Portanto, o artigo auxiliará o leitor a levantar questionamentos sobre a originalidade e a importância dos elementos narrativos usados por Efigênia do Carvalho para que seu conto consiga, ainda que de forma sutil e camuflada, tecer críticas pontuais sobre problemas sensíveis na sociedade do século XIX.

SOCIEDADE E LITERATURA PORTUGUESA NO PERÍODO OITOCENTISTA

Na primeira metade do século XIX, o cenário de Portugal foi marcado por uma profunda crise econômica motivada pela independência do Brasil, principal colônia portuguesa, e pela Guerra Civil, gerada a partir da luta de D. Pedro IV para proteger o trono, destinado a D. Maria, de seu irmão D. Miguel. Entre outras guerras territoriais de âmbitos imperialistas e comerciais, as guerras napoleônicas também causaram muitos impactos na estrutura do Reino logo no início dos Oitocentos. Diante do quadro de instabilidade em que o Império se encontrava, os liberais conquistaram o poder e novos parâmetros moldaram Portugal desde então.

Em meados do século XIX, a agricultura – considerada uma das mais fortes bases econômicas do país – se desenvolveu através da introdução de equipamentos mecânicos. Entretanto, o espaço urbano também começou a se manifestar por meio de novas reformas nos meios de transportes e de comunicação, no período da *Regeneração* – rotativismo parlamentar que acatou interesses burgueses e rurais durante a sua vigência. Dessa forma, enquanto o crescimento populacional aumentava gradativamente, os camponeses que viviam nas

aldeias trabalhando na agricultura ficavam desempregados ou eram mal remunerados. Em decorrência desse fator, ocorreu um processo de êxodo rural para as áreas urbanas, visto que nas cidades – como Porto e Lisboa – estavam concentrados os meios de transportes e de comunicação e a indústria, resultando em mais oportunidades de trabalho para os emigrantes. Também vale ressaltar a grande quantidade de portugueses que emigraram para o Brasil procurando melhores condições de trabalho, aproveitando-se da proibição de tráfico de escravos no país que, conseqüentemente, ficou necessitado de mais mão de obra.

Entretanto, em Portugal, com a nova população crescendo gradualmente nas principais cidades, as classes mais baixas e vulneráveis começaram a ocupar maior espaço na civilização urbana e, logo, “a violência e o que era considerado vício pelo senso comum da época logo foram associados à pobreza marginalizada, segregada e circunscrita às áreas periféricas dos centros urbanos” (CASTRO, 2021, p. 19). Isso se deu porque o ambiente urbano era, supostamente, planejado para as classes mais altas – a burguesia ascendente e a aristocracia portuguesa –, portanto, a permanência de pessoas pobres, confundidas com “vadios” desempregados, bêbados e com quaisquer outros vícios, era uma ameaça para o bem-estar e para a reputação da sociedade dita civilizada. Dessa forma, entende-se que, ao longo dos anos, formou-se uma efetiva polarização social que deu proeminência às classes mais altas nas cidades grandes e motivou uma dura repressão contra proletários na tentativa de marginalizá-los e tirá-los de cena através de uma higienização social das ruas urbanas de Portugal, de acordo com o seguinte raciocínio:

Enquanto os inválidos desamparados deveriam ser removidos e levados para asilos, os ociosos com idade e saúde para trabalhar foram considerados delinquentes, sujeitos às sanções penais previstas para cada delito. (CASTRO, 2021, p. 27).

Assim, torna-se evidente que, no decorrer do século XIX, a sociedade portuguesa experimentou grandes avanços para a área rural e para o crescimento das áreas urbanas, através da modernização e da indústria crescente, o que possibilitou novas oportunidades de emprego para os camponeses. Entretanto, deve-se apontar a repressão fiscal implantada a partir do êxodo rural como forma de segregar e preservar as ruas, “destinadas aos passeios dos elegantes” (CASTRO, 2021, p. 26) e higienizá-las dos “insalubres”, isto é, da população pobre.

Já na literatura, o período oitocentista também trouxe grandes impactos e mudanças, muitas das quais, para Antônio José Saraiva (1975, p. 740), seguiam como desdobramento da revolução de 1832-1834. Isso se explica porque, como forma de espelhamento da sociedade, novas correntes literárias se manifestaram à medida que a burguesia ganhava espaço e a sociedade começava a se refletir sob novos parâmetros.

Assim, o Romantismo foi introduzido como uma corrente literária divulgada pela França, que tinha como influência os ideais iluministas e liberais que rompiam com a conjuntura monárquica absolutista em vigor na época. Originado na Inglaterra e na Alemanha, partiu da necessidade de revolucionar a arte literária através do rompimento com o estilo neoclássico, que priorizava métricas, alusões mitológicas e técnicas da poética aristotélica. Segundo Saraiva, o Romantismo traz à cena literária:

o tema da insanidade humana, da aspiração indefinida, a dor ‘cós-mica’ de simplesmente existir, a obsessão da morte, o autobiográfico direito ou velado, a apologia do herói insociável e amoral ou fora da lei (o pirata, o bandido, o proscrito, etc.). Este individualismo pode ir até ao extremo do autoengano, que se manifesta no gosto do sonho ou devaneio passivos, ou de qualquer evasão imaginativa para algures no tempo e no espaço (histórico-social,

exotismo); no sentimentalismo amoroso indizível e irrealizável; em manifestações de anárquica irracionalidade ou misticismo. (SARAIVA, 1975, p. 727).

Apesar de o Romantismo abranger as escolas realista e naturalista, em sentido lato (SARAIVA, 1975, p. 732), é imprescindível entender as particularidades e preocupações voltadas para cada fase desse longo período do século XIX. As evidentes diferenças entre a corrente romântica e realista marcaram grandes disputas entre os literatos, o que veio a receber mais tarde o nome de Questão Coimbrã.

Em um cenário de crise portuguesa, carente de avanços científicos e tecnológicos, com alta instabilidade nos campos devido às emigrações e com um atraso descomunal em comparação ao desenvolvimento dos outros países da Europa, o Realismo se tornou a corrente literária em 1865. Diferentemente dos românticos, os realistas propunham uma escrita mais atenta às problemáticas, trabalhando com o cotidiano social e utilizando diferentes teorias científicas para o estudo social, tal e qual o Darwinismo que rompe com as imposições religiosas prescritas ao indivíduo e o Positivismo de Augusto Comte.

Dessa forma, enquanto a escrita romântica propunha o subjetivismo, a melancolia, o sentimentalismo e a obscuridade, o Realismo defendia a necessidade de uma literatura objetiva, que estudasse a condição humana no âmbito científico, focando na crítica e na análise dos problemas da sociedade e desconstruindo a crença religiosa absoluta em favor da razão e das novas descobertas científicas e filosóficas. Dessa forma, a rivalidade entre os românticos, mais conservadores perante a escrita, e os estudantes da Universidade de Coimbra, realistas que viam a necessidade de revolucionar o quadro de Portugal, fez-se evidente. Antero de Quental, Eça de Queiroz, Teófilo Braga e muitos outros escritores representaram essa nova cor-

rente e “o ano de 1871 assinala precisamente a vitória decisiva das ideias realistas em Portugal” (MOISÉS, 2006, p. 199).

A MULHER E A ESCRITA LITERÁRIA OITOCENTISTA

Ao longo do século XIX, a presença da mulher na literatura portuguesa tornou-se mais ativa. A mulher deixa de ser condicionada somente ao eu-lírico feminino, como nas cantigas de amor trovadorescas, e surge como a porta-voz de sua própria obra. Dessa forma, pode-se entender que, mesmo com inúmeras limitações e ideais conservadores impostos na época em decorrência da sociedade extremamente patriarcal e machista, a mulher teve grande participação na literatura do século XIX – ainda que invisibilizada – porque grande parte do público de romances era feminino.

No entanto, para que a entrada feminina na literatura fosse minimamente possível, muitos critérios eram considerados. A maioria das mulheres que tinham oportunidades era oriunda de famílias da aristocracia ou da alta burguesia, ou se fazia autodidata – como na prática de alfabetização e letramento. Já que a educação feminina era restrita às instruções voltadas ao lar, a mulher era criada para ser dona de casa, esposa e mãe. Em resumo, uma *senhora*, com postura condizente às normas de conduta da época. Dessa forma, os saberes científicos filosóficos e de outros campos do conhecimento não eram referentes ao público feminino.

Como forma de divulgar seus trabalhos, as escritoras liam as obras em saraus ou utilizavam “a distribuição de cópias manuscritas e a imprensa” (ANASTÁCIO, 2011, p. 2018), onde eram apontadas como meras colaboradoras. Ademais, vale ressaltar que, através das esferas sociais dessas senhoras, eram geradas redes de sociabilidade valiosas para o desenvolvimento de suas carreiras literárias, visto que o vínculo com escritores mais maduros era essencial para uma reputação bem-conceituada. Desse modo, mulheres de camadas mais

altas tinham mais possibilidades de adquirir redes de sociabilidade que as levassem aos prestigiados salões literários, angariando assim melhores condições para suas carreiras, visto que a cidade – como Lisboa – era onde estava o cânone literário.

Ainda que a mulher estivesse traçando um rumo diferente e almejando novas perspectivas, o modelo patriarcal ainda vigorava. Sendo assim, havia muitos estigmas já impostos que delimitavam os campos que a literatura feminina poderia explorar. Portanto, ao passo que a escrita masculina na literatura romântica abordava o obscurantismo, o insólito ficcional, críticas e temáticas de teor carnal, a mulher estava limitada a escrever poesias e prosas com enfoque na natureza e no romantismo, poesias de luto com a perda de algum ente querido, conteúdos de instrução para mulheres portuguesas – donas de casa e madames da alta sociedade – e outros conteúdos que não desviassem do tradicionalismo.

Em correspondência com Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), o escritor Antero de Quental falava brevemente sobre as poesias inéditas de sua autoria escolhidas para serem publicadas na antologia organizada pela escritora. No entanto, o autor reflete claramente o pensamento conservador promovido pela sociedade sobre a escrita feminina no século XIX, no seguinte trecho da carta:

Os sonetos, que envio, apesar de antigos, são ineditos; e como imagino que o livrinho é destinado a correr principalmente mãos femininas, achei preferível contribuir com aquellas cousinhas antigas e ternas, que em summa, são innocentes e não apavoram, a enviar-lhe dos Apocalypses que agora faço, ‘pesadellos rimados’, como lhes chama um meu amigo, entendido em rimas e em pesadellos. (QUENTAL *apud* BRAGA et al., 1885, p. 47).

Sendo assim, nota-se que, apesar da literatura destinada ao público feminino ser limitada e condicionada aos temas que são “innocen-

tes e não apavoram”, segundo Antero de Quental, a literatura produzida por mulheres ganhou espaço e importância no final do século. O *Almanach das Senhoras*, criado e dirigido por Guiomar Torrezão em 1871, por exemplo, foi um almanaque literário que contribuiu imensamente para a formação de uma rede de senhoras escritoras e foi publicado em Portugal, Brasil e Espanha ao longo dos anos. Além de divulgar pequenos textos, como poesias, prosas, pensamentos e artigos, as edições se preocupavam em apresentar as biografias das senhoras que, normalmente, eram as colaboradoras.

Além dos almanaques, os jornais, periódicos e as revistas também foram de grande importância na publicação de romances e contos das autoras, sendo publicados em parcelas conforme as edições. Assim, a mulher ia conquistando o seu espaço gradualmente ao longo do século XIX. Segundo Maria Ivone Leal:

Nas classes cultas parece adquirida a noção de que a mulher não é de modo algum intelectualmente inferior ao homem. Mas que tais capacidades, para se desenvolverem, precisam de uma instrução e educação levadas a sério. Instrução e educação que visam primariamente prepará-la para o exercício dos seus papéis fundamentais: esposa-companheira do marido, educadora dos filhos, dona de casa. Se, além disso, tiver gosto e capacidade para se entregar a obras de benemerência ou para brilhar nas letras e nas artes, nada a impede. (LEAL, 1992, p. 87).

EFIGÊNIA DO CARVALHAL: UMA BREVE APRESENTAÇÃO

Efigênia do Carvalho de Sousa Silveira e Telles Pimentel nasceu no dia 16 de março de 1839, na freguesia de Veiga de Lila, município de Valpaços. Filha de Júlio do Carvalho de Sousa Silveira Telles e Meneses, militar e político, e D. Maria da Piedade Ferreira Sarmento de Lacerda, a escritora veio de uma renomada família aristocrática. Desse casamento, nasceram também os seus irmãos D. Maria Ade-

laide do Carvalho de Sousa Silveira e Telles Betencourt, D. Beatriz do Carvalho de Sousa Silveira e Telles Betencourt e César do Carvalho de Sousa Silveira e Telles Betencourt.

Ao longo de sua vida, Efigênia veiculou na mídia impressa inúmeras poesias e prosas de sua autoria. Entretanto, pode-se notar uma clara diferença temática entre os tipos textuais. Na poesia, predominam observações sobre a natureza e sobre o luto pela perda de seu pai. Já na prosa ficcional, a autora trabalha com elementos fantásticos, ambientes tipicamente utilizados pelo *romance noir* e temas mais densos. Suas obras rompem com os parâmetros tradicionais que condicionam a literatura feminina. A escritora traz elementos do insólito ficcional para a cena literária, resultando em prosas sombrias e cheias de suspense, ou seja, opondo-se ao ideal prescrito da escrita feminina terna e agradável.

Efigênia não era a única escritora da família Carvalho. O prestigioso autor de “Os canibais”, Álvaro do Carvalho, era seu primo. Apesar da morte prematura aos 24 anos de idade, o jovem autor teve maiores oportunidades para traçar sua carreira literária ao se tornar estudante da Universidade de Coimbra, visto que o ambiente, repleto de representantes românticos e realistas, proporcionou-lhe maiores contatos com escritores do cânone literário da época. Efigênia, por sua vez, cresceu em uma aldeia rural e não lhe foi facultado o ensino universitário a que seu primo teve acesso. Vivendo afastada da cidade, tornou-se autodidata para avançar nos estudos. Entretanto, as escritas literárias em prosa de ambos são extremamente semelhantes quando se analisa as suas estratégias narrativas, marcadas por elementos macabros e voltados para algum recorte social, como o cotidiano da vida campesina. Entre os periódicos que veicularam suas colaborações, destacam-se o jornal *A Esperança*, semanário literário dedicado às damas, o *Almanach das Senhoras*, dedicado à instrução e ao passatempo feminino, e *A Chrysalida*, jornal

de literatura. Entre as obras publicadas, encontram-se os romances *Clotilde e Carlos e Laura* e os contos “A casa negra” e “Uma noite de tempestade”, além de inúmeras poesias românticas. No conto “Uma noite de tempestade”, publicado no *Almanach das Senhoras* para o ano de 1878, a autora constrói um cenário profundamente caótico ao mencionar uma furiosa tempestade e evocar trovões, ventos e raios. Para além da interpretação literal, que dá destaque às forças da natureza, o leitor também pode interpretar esse pequeno conto através de novos ângulos.

O fazer literário feminino, nessa época, por ser duramente censurado, dispunha de representações da natureza para plasmar menções sexuais nas obras. Em “Uma noite de tempestade”, nota-se que “o trovão ribomba prolongando os echos pelas gargantas da serra, o raio fende o espaço, phosphorescente e abraçador [...]” (CARVALHAL, 1877, p.146) trecho este que permite entrever nessas metáforas atos de teor sexual. Ao analisar suas obras, vê-se que a autora ressignifica a autoria feminina, tornando-se uma escritora singular na literatura portuguesa oitocentista na literatura portuguesa.

CONTO “A CASA NEGRA”

O conto “A casa negra”, publicado no jornal *A Esperança*, em 1866, é uma grande contribuição da autora para a literatura. A obra apresenta abordagens diversas que se comunicam e trabalham conjuntamente para representar um pouco do século XIX através de um recorte social específico: uma aldeia rural.

O enredo do conto se move a partir de um mistério muito discutido entre os habitantes de uma aldeia sobre um imóvel conhecido como *a casa negra*. Durante muitos anos, a casa estivera deserta e, de acordo com a vizinhança, era mal-assombrada. Ao longo do conto, a autora constrói cenários com o intuito de intensificar o pavor e o mistério que rondam a casa e a lenda que ela fomenta, através

de estratégias narrativas, trabalhando a figuração dos personagens, assim como questionamentos e sutis críticas que permeiam o conto, por meio de jogos estilísticos em sua composição, como veremos a seguir.

Inicialmente, a autora apresenta a aldeia como um lugarejo simples e pacato, remetendo a serras, bosques e rios para a ambientação do cenário. Entretanto, ao fazer a primeira apresentação da casa negra para o leitor, a narrativa ganha um ar mais sombrio e macabro, deixando subentendido que o tema central há de remeter aos mistérios da *casa*, como menciona:

Perto d'esta queda d'água, e a um kilometro da aldeia do Nogueiral, eleva-se uma casa de bonita apparencia, mas que escondida assim entre corpulentas arvores, e embalada pelo rugir impetuoso da corrente, nos faz lembrar mysteriosos crimes!... (CARVALHAL, 1866, p. 194).

Logo em seguida, é narrado um episódio que aconteceu antes de a casa ganhar uma reputação macabra. Deolinda, filha do proprietário da referida casa, rende-se aos amores de um homem e casa com ele, deixando seu pai. Logo, o pai perece frente à tristeza que sente pela perda da filha e a casa deixa de ser habitada.

Ao longo do conto, as mulheres da aldeia encadeiam histórias sobre a casa, criando um tipo de tradição. A autora não faz essa abordagem despretensiosamente. Efigênia traz para o cenário de seu conto um retrato de sua realidade, visto que a autora foi criada em Valpaços, região interiorana. Dessa forma, a contação de histórias, retratada entre as mulheres da aldeia fictícia, é um reflexo de sua própria vida enquanto mulher de aldeia rural, criada a partir de costumes e tradições conservadoras. Assim, nota-se que sua obra, consequentemente, é um metatexto, quando se refere ao ato de contar histórias sobre mulheres que contam histórias.

No trecho a seguir, o conto introduz uma conversa entre as mulheres sobre os mistérios da casa. É interessante pontuar que essa prática se inicia em época de festejos entre os habitantes da região para comemorar o Dia de Santos, com elementos típicos tradicionais, como fogueiras e danças. Assim, é possível reforçar que a representação dessas mulheres – depositárias da memória e da sabedoria local – contando lendas, reafirmaria as tradições da aldeia, possivelmente vividas pela própria autora.

As raparigas, e rapazes faziam os *classicos magustos*, e dançavam alegremente em volta das fogueiras, aonde as castanhas estalavam. Os velhos entretinham-se nos seus misteres da lavoura, e as velhas conversavam no seu predilecto assumpto – a *casa negra* e o seu habitante. (CARVALHAL, 1866, p. 194, grifos da autora).

Ainda sobre as relações sociais entre os habitantes, cabe destacar que a autora preserva, majoritariamente, o uso coloquial nos diálogos ao longo do conto. Esse exercício literário objetiva preservar a oralidade, marcada por vocabulários e pronúncias regionais. Percebe-se, por exemplo, a preservação oral em palavras que originalmente são escritas com o *v* e que no texto foram mantidas com *b*. Desse modo, a autora retrata o cenário rural, atentando a todos os parâmetros – visando o cenário, as tradições e o vocabulário – e reafirma, conseqüentemente, suas origens. Podemos visualizar algumas das marcas orais preservadas no diálogo que segue:

[...] eu cada *bes* que me *alembra* o que *bi* hontem á noite!... [...]
— *Probablemente* passou perto da Casa Negra – respondeu a senhora Brizida com ar sentencioso.
— Justamente, senhora *Brigida*; eu le conto o que *bi*: [...] (CARVALHAL, 1866, p. 195, grifos da autora).

Durante a conversação entre as senhoras da aldeia, elas contam histórias que vivenciaram – ou experiências de conhecidos – sobre a casa negra. A autora, nesse momento, introduz elementos sobrenaturais que reforçam os testemunhos das mulheres, as quais afirmam ter visto acontecimentos macabros ao redor e dentro da casa mencionada.

— Eu fique *parba* de medo, e *oubi* gritos e gemidos que saham d’essa casa amaldiçoada, e a estes gritos, e a estes gemidos, respondiam outras vozes, se aquillo eram vozes, cantando umas cantigas, que só o diabo as entendia; e depois senti que dançavam lá dentro; de novo *oubi* os gritos e os gemidos, e o phantasma não se *mobia* da *jinela*, e continuava a lançar chamas pelos olhos, nariz, e boca...

[...]

— O outro dia – disse uma das velhas – vinha o meu *Joquim* do monte com as ovelhas e *biu* dois *homes* (cuidou elle que eram *homes*) que passeiavam no mais espesso do bosque que rodeia a *casa negra*, elle faz-se acercando d’eles cautelosamente para lhe *oubir* o que diziam... eis se não quando abriu a terra debaixo de seus pés, e os dois *tinhosos*, que outra coisa não eram, sumiram-se nas entranhas da terra!! (CARVALHAL, 1866, p. 195, grifos da autora).

Assim, Efigênia estrutura um cenário sombrio e macabro a partir da evocação de elementos sobrenaturais ligados à história da casa. É perceptível que os habitantes mantêm uma crença nas histórias contadas, principalmente os mais velhos. Essa crença absoluta faz com que os indivíduos acreditem ter ouvido e visto elementos imateriais, como bruxas, demônios e fantasmas. No entanto, a presença de novos personagens na história é de grande importância para o desenrolar do enredo.

Quando, finalmente, uma moça mais nova entra na cena literária e inicia um diálogo com as demais senhoras, novas perspectivas en-

tram em jogo. Apesar de as senhoras crerem fielmente que o imóvel era amaldiçoado por fantasmas, espíritos e demônios, a jovem não acreditava em nada do que elas defendiam ver e ouvir. Assim, se estabelece um longo embate entre as senhoras crentes e a moça cética; isto é, um conflito entre o tradicionalismo e a modernidade.

A rapariga sorriu-se.

— Riste, grandecíssima tola? – procurou a snr.^a Brizida. – Pois eu te conto oittra que eu *bi*.

Quando o meu *home* que Deus haja, era pastor, eu ia levar-lhe a ceia; uma ocasião elle *andaba* longe com o redil, *andaba* no *balle* do rio-pardo, e eu quando *binha* para casa passei n'aquella encruzilhada que *bós* sabeis, e *bi* um rebanho de patas a sapatiarem, e a grosnarem... Arrepiaram-se-me os cabellos, e *desbiei-me* do caminho; mas de repente, as bruxas deixaram de dançar, *lebantaram bôo*, passaram junto de mim, e era tal o bento que faziam que me *ergeu* do chão como se fosse um *polborinho*, e levaram-me... eu sei lá para onde! O que sei é que ao outro dia amanheci no *balle* do rio-pardo, mesmo ao pé do redil onde *estaba* o nosso gado, e tão cheia de pisaduras, e tão moída *estaba* como se me batessem com um sacco de areia com doze *bintens* dentro.

— E que dizes a isto, Jabel? – procuraram as attentas ouvintes da snr.^a Brizida.

— Eu o que digo – respondeu a rapariga – é que a snr. Brizida adormeceu no *val* do rio-pardo e sonhou que se tinha vindo para casa, e que vira patas ou bruxas.

— Qual sonho, nem qual *carapuça*; eu *estaba* acordada como agora estou. (CARVALHAL, 1866, p. 202, grifos da autora).

Logo depois, outro personagem – senhor Antoninho – entra em cena e também desaponta as senhoras ao mostrar uma postura cética em relação aos supostos acontecimentos na casa. Esse cenário traz muitos questionamentos quanto à estratégia narrativa e ao contexto do século XIX. Podem-se notar influências do Realismo português

em sua narrativa a partir do Darwinismo, visto que temos um embate entre personagens que preferem acreditar em elementos sobrenaturais e ilusórios – apegando-se às crenças religiosas – e personagens, mais novos, céticos em relação aos acontecimentos narrados.

Dessa forma, entende-se que a autora cria, inicialmente, um cenário macabro, através de elementos fantásticos e românticos para instigar o suspense e sustentar o clima misterioso ao redor da casa negra. Entretanto, os personagens céticos, ao representarem a “nova geração”, por serem mais novos e adeptos à ciência dos fatos, trazem novas perspectivas para o desfecho da história. Essa interpretação se torna possível, pois, na época em que o conto foi publicado, muitas inovações no âmbito literário aconteceram, tal qual a formação da escola realista a partir dos ideais científicos e filosóficos defendidos pelos estudantes da Universidade de Coimbra – conhecidos como Geração de 70, grupo do qual Álvaro do Carvalho fazia parte.

Ao final da história, o personagem Antoninho vai até a casa, acompanhado de muitos aldeões e uma tropa de soldados para entender o que de fato acontecia na casa e caçar os seres demoníacos. Entretanto, todos os aldeões se apavoraram com os possíveis horrores que viriam de dentro da casa e voltaram para as suas casas, exceto Antoninho e a tropa de soldados que permaneceram de tocaia em seus lugares e invadiram a casa quando o sol surgiu pela manhã. Graças a eles, foi possível discernir que todas as lendas criadas sobre a casa eram apenas falácias. O que realmente acontecia dentro da casa era muito mais concreto e material: a criminosa prática de falsificação de moedas.

Antônio procurou, procurou com a paciência que caracteriza a gente do povo, e por fim de tantas indagações descobriu, cheio de júbilo, que na parede d’uma das salas se abria uma porta falsa! Essa porta estava cuidadosamente fechada. Após alguma resistência cedeu, e todos se precipitaram em torbilhão no interior d’uma

sala espaçosa bastante, e à qual dava unicamente luz uma clara-boia. N’essa sala viram dispersos, e em desordem... Ora adivinhem o que?...

Todos os utensílios de fazer... moeda falsa!!!

Esclareceu-se então a verdade; explicou-se o mysterio. (CARVALHAL, 1866, p. 210)

É interessante notar a quebra de expectativa que se instala imediatamente após a revelação do mistério da casa negra. Essa quebra de expectativa acontece exatamente porque a autora se utiliza de elementos românticos para a descrição das cenas ao longo do conto e, no final, as tendências realistas se manifestam. O que se acreditava ser o ruído proveniente de bruxas, demônios e seres malignos era, afinal, apenas um estratagema para afastar os curiosos e investir na prática do crime da moeda falsa. Dessa forma, a construção de todas as fantasias que pareciam remeter ao insólito ficcional implode e dá azo à figuração realista, fazendo construções críticas a respeito da violência e da prática de crimes naquele momento em Portugal.

A falsificação de moedas em Portugal era um tipo de crime que foi se expandindo gradualmente ao longo das décadas e virou uma fraude muito ocorrente em comparação com outros países, em 1860.

[...] na década de 1840, dentre os 94 registros encontrados, três se referem a Portugal. Já na década seguinte, dentre os 191 registros, 32 matérias citam casos ocorridos naquele país. Nos anos 1860, as menções a Portugal saltam para 66. Considerando-se todas as décadas analisadas, 21,17% das ocorrências fazem referência a Portugal. Os demais países aparecem de modo bem secundário, oscilando entre 1,26% e 0,21%. (ARRUDA; RIBEIRO; SEABRA, 2018, p. 153).

De acordo com Arruda e Santos (2017, p. 2), entre as décadas de 1840 e 1860, Portugal teve uma grande participação no contrabando de moedas falsas no plano internacional, visto que os fraudadores fa-

bricavam as moedas falsas em Portugal e se infiltravam no Brasil para contrabandear o produto, em decorrência da má aplicação das leis e da fiscalização ineficaz que facilitava as infrações às leis. Dessa forma, a inserção da temática sobre a prática de falsificação de moedas no conto pela autora é um reflexo dos problemas sociais e econômicos que a sociedade enfrentava no período do século XIX, haja vista que grandes guerras e revoluções desestruturaram o Império Português, gerando, assim, uma crise sistêmica e sem precedentes.

Assim, é interessante pensar que Efigênia do Carvalho, ao dispor de elementos que em princípio remeteriam ao insólito ficcional, passa a desmistificá-lo abruptamente com a concretude dos problemas reais da sociedade portuguesa. Dessa forma, sua obra destoa da produção feminina do período ao ostentar um viés denunciativo, voltando-se para críticas sutis e bem construídas, como o embate entre o conservadorismo, e o pavor sobre o desconhecido – usando como justificativa para a prevalência da religiosidade – *versus* a geração mais nova, atenta à ciência dos fatos, desmistificando lendas e mitos criados a partir de um pensamento religioso que chega às raias da credence popular. Além de utilizar abordagens realistas para desvelar a prática de um crime – falsificar moedas – muito corrente, de acordo com o contexto histórico, e tornar esse elemento importante para a abordagem da violência em Portugal, no século XIX, a autora também coloca em cena a tradição dos mais velhos de contar histórias presente nas aldeias, a preservação da oralidade nos diálogos e a alternância de elementos românticos com tendências realistas como estratégia narrativa ao longo do conto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, este trabalho teve como objetivo apresentar Efigênia do Carvalho, invisibilizada como escritora no período em que viveu, e compartilhar tudo o que a pesquisa conseguiu resgatar sobre a

autora, como contribuições literárias e dados biográficos informadas pelos seus descendentes, ainda vivos nos dias atuais. Desse modo, o estudo procurou abordar os diferenciais e as peculiaridades que tornavam a sua produção literária, sobretudo em prosa, tão original e distante do ideal de autoria feminina prescrito na época.

Assim, muitas questões podem ser levantadas a partir da entrada de uma mulher – oriunda de uma aldeia rural – no universo da escrita, utilizando elementos fantásticos da literatura gótica, do *romance noir* e do insólito ficcional, visto que esses elementos se faziam presentes na escrita masculina. Infelizmente, a contribuição de Efigênia passou despercebida perante o cânone e a sociedade portuguesa, em decorrência do sistema patriarcal e das altas imposições sociais e financeiras a que as mulheres precisavam se encaixar para poderem ser reconhecidas entre os grupos canônicos da literatura. Mas o seu potencial literário é grandioso e, certamente, muito à frente de sua época. Principalmente, por ter sido originado em sua região, uma aldeia rural.

Portanto, é necessário entender que, por causa da grande dificuldade que as obras literárias femininas enfrentam para chegar até os dias contemporâneos, muitas delas são destruídas ou perdidas com o passar do tempo sem que suas autoras recebam o reconhecimento que lhes é devido. Dessa forma, compreendemos ser de suma importância resgatar e conhecer a luta feminina pelo direito à literatura desde os primórdios, para que possamos, então, ter ciência de todo o processo árduo e injusto vivenciado pelas mulheres ao longo do tempo, possibilitando alargar a visão sobre as continuidades e rupturas que ainda permeiam a literatura feminina em pleno século XXI.

RECEBIDO: 08/12/2022 APROVADO: 21/04/2023

REFERÊNCIAS

- ANASTÁCIO, Vanda. O que é uma autora? Reflexões sobre a presença feminina no campo cultural luso-brasileiro antes de 1822. *Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*, v. 18, n. 29, p. 215-224, 2011.
- ARRUDA, Rogério Pereira de; RIBEIRO, Ednalma Leticya Santiago Vial; SEABRA, Elizabeth Aparecida Duque. *O crime de moeda falsa e sua abordagem pelo jornal Diário do Rio de Janeiro, 1840-1869*. Porto Alegre: Revista Aedos, v. 10, n. 22, p. 140-165, Ago. 2018.
- ARRUDA, Rogério Pereira de; SANTOS, Maxsuel de J.; O crime de moeda falsa e suas representações na imprensa (MG, RJ) - 1840-1900. *69ª Reunião Anual da SBPC - UFMG*. Belo Horizonte, 2017, 3p. Disponível em: http://www.sbpcnet.org.br/livro/69ra/resumos/resumos/2782_1a4dfb9a2fcb3c2f8048d1df75a7707d9.pdf. Acesso em: 18/01/2023.
- CARVALHAL, Efigênia do. *A casa negra. A esperança: semanario de recreio litterario dedicado ás damas*. Porto: Typographia de Rodrigo José d'Oliveira Guimarães, vol.II, 1866.
- CARVALHAL, Efigênia do. *Uma noite de tempestade. Almanach das Senhoras para 1878*. 8. ed. Lisboa: Typographia de Souza & Filho, 1877.
- CASTRO, Andreia Alves Monteiro de. *Crimes, Realidades & Ficções: A representação do criminoso na literatura e na imprensa oitocentista*. 1 ed. Rio de Janeiro: edUERJ, 2021.
- LEAL, Maria Ivone. Os papéis tradicionais femininos: continuidade e rupturas de meados do século XIX a meados do século XX. In: LEAL, M. I. *Um século de periódicos femininos: arrolamento de periódicos entre 1807 e 1926*. [Cadernos Condição Feminina nº 35]. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1992. p. 83-93.
- MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. 1 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.
- QUENTAL, Antero. Carta destinada à Sr^a Maria Amalia Vaz de Carvalho. In: BRAGA, Alberto (et al.) *Um feixe de pennas*. Lisboa : Typographia Castro & Irmão, 1885.
- SARAIVA, Antonio José. *História da Literatura Portuguesa*. 8. ed. Lisboa: Tipografia BLOCO GRÁFICO, 1975.

MINICURRÍCULO

MAYARA GONÇALVES é graduanda em Letras – Português/Grego pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi bolsista como Pesquisadora Júnior no projeto “Escritoras portuguesas e a difusão cultural na colônia imigrante” pela Fundação Calouste Gulbenkian em parceria com o Real Gabinete Português de Leitura (RGPL). Atualmente, é membro do projeto de extensão em estudos de literaturas africanas em língua portuguesa na UERJ e atua como bolsista CAPES na área do ensino de língua portuguesa.

ELISABETH FERNANDES MARTINI é doutora em Literatura Comparada e mestre em Literatura Portuguesa (2011), pela UERJ. Atua como professora da rede municipal do Rio de Janeiro, desde 1988. Membro do grupo de Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras, sediado no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro e investigadora colaboradora junto ao Centro de Estudos Clássicos, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.